

ELONIR JOSÉ SAVIAN

“HAVERÁ SEMPRE UMA CAVALARIA”:

**TRADIÇÃO E MODERNIZAÇÃO NO PROCESSO
DE EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DO EXÉRCITO
BRASILEIRO (1937-1973)**

1ª edição

**Resende
Edição do Autor
2014**

Savian, Elonir José.

S267 “Haverá sempre uma Cavalaria: tradição e modernização no processo de evolução tecnológica do Exército Brasileiro/Elonir José Savian – Resende, RJ: Edição do Autor, 2014.

1. Cavalaria. 2. Arma. 3. História.

CDD 357.109

ISBN: 978-85-916828-0-5

APRESENTAÇÃO

A substituição dos meios hipomóveis pelos mecanizados na Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro ocorreu de forma gradativa, predominantemente no período de 1937 a 1973. Essa providência se deu de forma defasada em relação a outros exércitos, como o dos Estados Unidos, que efetivaram tal medida no segundo quartel do século XX.

No Brasil, a partir da II Guerra Mundial, intensificaram-se discussões sobre se era necessário ou não mecanizar a Cavalaria, até então uma Arma quase toda hipomóvel. Percebe-se haver entre os militares do período em pauta duas tendências: a dos defensores da tradição, que desejavam a permanência do cavalo como instrumento de combate, e a dos adeptos da modernização, que pleiteavam a substituição dos meios hipomóveis pelos mecanizados.

A tendência ligada à modernização saiu-se vencedora, pois na primeira metade da década de 1970 a maioria das unidades de Cavalaria do Exército Brasileiro encontrava-se mecanizada.

O presente trabalho tem em vista analisar o processo de transição em questão, verificar se efetivamente ocorreu um embate entre a tradição e a modernização acerca da mecanização da Cavalaria brasileira, e se for o caso, investigar como este foi superado.

O autor

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo 1: A tradição sob pressão da modernização.....	33
Capítulo 2: A tradição confronta-se com a modernização.....	93
Capítulo 3: A tradição concilia-se com a modernização.....	153
Conclusão.....	209
Referências.....	213

Capítulo 1

A TRADIÇÃO SOB PRESSÃO DA MODERNIZAÇÃO

No presente capítulo pretende-se identificar os elementos que constituíam a tradição da Cavalaria do Exército Brasileiro em meados do século XX, bem como verificar como a modernização poderia ter exercido pressões no sentido de transformá-los ou de erradicá-los.

No Brasil, há registros do emprego de tropas a cavalo desde o Período Colonial. Como exemplos, Varnhagen ressalta a utilização de homens a cavalo em combates contra índios caetés, no século XVI;⁴¹ Magalhães destaca a participação do Regimento dos Dragões do Rio Grande em lutas ocorridas na região do Rio da Prata, no século XVIII;⁴² Cerqueira relata a participação de regimentos de cavalaria em acontecimentos marcantes da Guerra da Tríplice Aliança, no século XIX;⁴³ e Moura enfatiza a atuação de forças de cavalaria na Guerra do Contestado, no início do século XX.⁴⁴

⁴¹ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Varnhagen: história/organizador** [da coletânea] Nilo Odália. São Paulo: Ática, 1979. p. 88

⁴² MAGALHÃES, João Batista. **A evolução militar do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998. p. 166.

⁴³ CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. passim.

⁴⁴ MOURA, Aureliano Pinto de. **Contestado: A Guerra Cabloca**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003. passim.

Paralelamente aos conflitos em que tomavam parte, seria de se esperar que os cavalarianos concebessem e repassassem diversos valores, conhecimentos, práticas e hábitos, que constituiriam uma tradição singular. Deveras, em meados do século XX, esta já se havia delineado e era considerada muito importante para os membros da Cavalaria, conforme se verifica nas palavras do major Luiz Felipe de Azambuja:

Ser de Cavalaria é ter vocação para a busca do infinito e familiaridade com os influxos do eterno. Pela Glória, o cavalariano pelega, se supera e se sacrifica até chegar, pelo menos, às vizinhanças do infinito. **Pela Tradição êle se molda, se robustece, age e reage, sob inspiração da perpetuidade, que é o fundamento existencial da arma.**⁴⁵

Acresceste-se que, em decorrência de sua trajetória, a Cavalaria, *per si*, era reconhecida como uma força tradicional e essencial ao Exército, conforme declarava o general João Teodoreto Barbosa, em 1940: “[...] Atualmente, há ainda para a **tradicional** Arma de Osório [patrono da Cavalaria], um campo de ação em que poderá praticar façanhas análogas à dos tempos heróicos [...]”.⁴⁶

Verificada a existência da tradição da Cavalaria em meados do século XX, passar-se-á a expor os diversos elementos que a

⁴⁵ AZAMBUJA, Luiz Felipe de. Ser de Cavalaria. **Revista Agulhas Negras**, Resende, p. 263, 1954. (grifo nosso)

⁴⁶ BARBOSA, João Teodoreto. A Cavalaria sob o ponto de vista de sua organização, emprêgo e preparo. **A Defesa Nacional**. Rio de Janeiro, n. 400, p. 12, set. 1947. (grifo nosso)

compunham. Faz-se importante frisar, antecipadamente, que tais elementos, de uma maneira ou outra, estavam relacionados ao uso do cavalo como instrumento de guerra.

Iniciar-se-á pelos **regimentos hipomóveis** que compunham a Arma.

De acordo com John Keegan, os regimentos, enquanto unidades militares, surgiram na Europa no século XVII. Semanticamente, a palavra liga-se ao conceito de governo, pois foi um expediente para assegurar o controle ao Estado das forças armadas. Alguns deles têm histórias contínuas de cerca de três séculos, notadamente nos Exércitos da Grã-Bretanha e da Suécia. Com o passar do tempo, eles acabaram isolando-se da sociedade, formando suas próprias regras, rituais e disciplina.⁴⁷ Disso se pode deduzir que desenvolveram uma tradição peculiar.

No Brasil, em meados do século XX, também havia regimentos centenários. Em 1934, dos dezoito existentes, treze tinham suas origens no século XIX ou mesmo antes.⁴⁸ Da mesma forma que os europeus, eles detinham legados próprios, que conjuntamente enriqueciam a tradição da Arma.

⁴⁷ KEEGAN, 2005, p. 29 e 32.

⁴⁸ SILVA, Tancredo Faustino (org.). **O Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1939. Nessa obra consta a origem de todas as unidades existentes no Exército no ano de 1934. Também há referências sobre as que foram extintas antes desta data. Além dos dezoito regimentos citados, outros cinco haviam sido criados pelo Decreto nº 24.287, de 24 de maio de 1934, porém, ainda estavam a ser estruturados.

O major Luiz Felipe de Azambuja considerava que o cavalarião devia “amar com exaltação o cavalo, num misto sentimental de amizade e de reconhecimento: pela sua capacidade de pagar, com afeto, o afeto que lhe é dedicado; pela nobreza de sua cooperação para as glórias imorredouras da arma”.⁹⁴

Cavalarião e sua montaria após a batalha.



Fonte: Revista Agulhas Negras, p. 117, 1951.

Outro aspecto da tradição da cavalaria era o peculiar “**espírito da arma**”. O antropólogo Celso Castro, que tratou da questão em pesquisa feita com cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, na década de 1980, considera que:

⁹⁴ AZAMBUJA, p. 263, 1954.

os *espíritos de armas* compõe um sistema *classificatório* que estabelece uma homologia entre as características pessoais exigidas pelas diferentes “missões” (isto é, tarefas) de cada Arma numa situação de *combate* – as “atividades-fim” – e os diferentes padrões de conduta e personalidade mantidos em situação de não-combate, no cotidiano.⁹⁵

Celso Castro também comparou o espírito do cavalariano ao dos integrantes de outras armas. Fins de exemplo descrever-se-á como ele traçou o espírito dos cadetes de cavalaria e de artilharia, que devido às características de cada arma são muitos diferentes:

Os cadetes de Cavalaria devem desenvolver a iniciativa pessoal e a flexibilidade exigidas no combate. O cavalariano deve ter mais iniciativa que o infante, saber decidir sozinho e no momento certo a coisa certa. Esse é um dos motivos do “espírito de liberdade, não de libertinagem” que vigora na Arma: “ao passo que nas outras Armas o elemento pede permissão [aos superiores] para atuar, o cavalariano atua e informa. Essa é a diferença.” Dessa forma ele precisa ter “desprendimento”, ter o “horizonte aberto”, não deve ser “bitolado”. Além disso, deve ser flexível [...]. **Os artilheiros** também procuram demonstrar no cotidiano as características necessárias às missões que cumprem no combate. Dessa forma, o principal traço distintivo de seus cadetes deve ser a *meticulosidade*, já que no combate [...], eles não podem “errar um milésimo” [se errarem os cálculos necessários a execução de determinados tiros – direção, alcance – podem atingir a tropa amiga ao invés da inimiga].⁹⁶

⁹⁵ CASTRO, 1990, p. 57. (grifo do autor)

⁹⁶ Ibid., passim. ((grifo do autor, itálico), (grifo nosso, negrito)

O cadete Alfredo Loreiro Polônia tratou especificamente sobre o “espírito da Cavalaria”, concluindo que ele era caracterizado, em alta dosagem, pela velocidade, vontade de lutar, solidariedade, altivez, camaradagem, abnegação, desprendimento, coragem, arrojo, lealdade, vigor, ardor, movimento e desvelo para com seu cavalo.⁹⁷

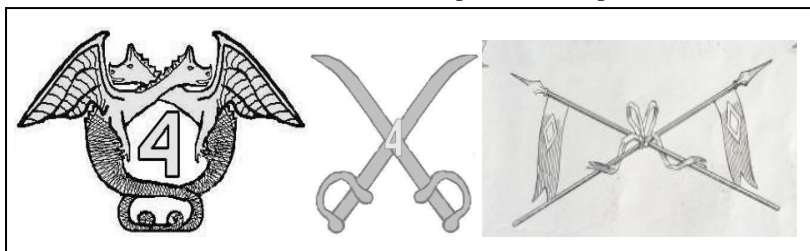
O major Geraldo Magarinos de Sousa Leão, em oração dirigida aos cadetes de Cavalaria, destaca o espírito que eles deveriam ter:

Se ao teu corcel não cedes o lugar
Para de ti, depois então cuidar,
Embora te domine o sofrimento;
Se não te agrada, ao menos um momento,
Com as tradições heráldicas fremir;
Se não te orgulhas de empunhar a lança
Que Osório fez credora da esperança
Na conquista suprema da vitória;
Se não te queres embriagar da glória
De, antes de todos, ir para o inimigo,
Infiltrar-te isolado no perigo,
Reconhecer para informar, cobrir,
Retardar, envolver e perseguir;
Se, por estares num motor montado,
Julgás haver-se o velho ardor quebrado;
Se rei não és do campo da amplidão;
Se te faltas a coragem do leão
E o penetrante olhar da águia não tens,
Quando o caminho da luta vens,
Digo-te então:
Erraste a vocação!
Para trás, chora em vão teu desengano!
Não serás nunca um cavalariano!⁹⁸

⁹⁷ POLÔNIA, n. 56, 1946.

⁹⁸ LEÃO, Geraldo Magarinos de Sousa. Ao Cavalariano. **Revista Agulhas Negras**, Resende, p. 100, 1957.

Símbolos da Cavalaria no Império e na República.



Fontes: Símbolos da esquerda e do centro - *site* De Cavalaria. Disponível em: <http://www.decavalaria.com/index.php/coisas-de-cavalaria/historias/75-o-simbolo-da-arma-de-cavalaria>>. Acesso em: 19 set. 2013. Símbolo da direita: Revista da Escola Militar, nº 60, p. 27, dez. 1948.

O uso de **armamentos** adequados a uma tropa que combate montada também fazia parte tradição da Cavalaria. Além das lanças, já citadas, a cavalaria por séculos usava sabres e armas de fogo curtas, como carabinas, pistolas e revólveres.¹²²

Cavalarianos portando lança, sabre e carabina
(década de 1870).



Fonte: BARROSO, 1922.

¹²² BARROSO, 2001, p. 103 a 108.

Esperava-se que os novos engenhos rompessem as posições inimigas favorecendo a progressão das tropas que atacavam, o que realmente aconteceu em algumas batalhas, como a de Cambrai (novembro de 1917). Todavia os carros de combate eram demasiado lentos e a infantaria e cavalaria muito vulneráveis para aproveitar tais êxitos, o que possibilitava aos defensores repararem seus dispositivos de defesa, mantendo, assim, o impasse nas linhas de frente. Dessa forma, os carros de combate não atenderam a todas as expectativas neles depositadas, mas demonstraram grandes potencialidades.

Destacaram em batalhas os carros de combate Renault FT-17, da França, e Mark IV, da Grã-Bretanha.

Carro de combate Renault FT-17.



Acervo da Academia Militar das Agulhas Negras. Fonte: Elonir José Savian.

mecanização que se estenderia pelas décadas seguintes, o que será tratado nos próximos capítulos.

Nesse contexto, a perspectiva representada pela mecanização, em âmbito nacional e global, trazia desassossegos em relação ao futuro da cavalaria brasileira, e, em consequência, aos elementos que constituíam a sua tradição, todos eles, conforme visto, relacionados ao emprego do cavalo como instrumento de guerra. Isso se percebe em um poema do cadete Heros Lima, do ano de 1937:

Cavalaria chêia de esperanças...
A cavalhada sente-se espantada
Ha um tilintar de esporas e de lanças
É o progresso que passa pelas estradas...

Uma força qualquer motorizada
Caminhões barulhentos quais creanças...
Que roncando, soltando fumarada
Buzinam espantando as vizinhanças...

E o cavalo serêno continúa...
No seu passo firme e compassado
Pela estrada bem branca e toda núa...

E confunde-se com a noite lentamente...
Avança o esquadrão desconfiado
Farejando como tigre, para frente...¹⁶¹

¹⁶¹ LIMA, Heros. Cavalaria chêia de esperanças. **Revista da Escola Militar**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 27, 1937. (grifo nosso)

Conforme estabelecido para este capítulo, foram identificados os elementos que constituíam a tradição da Cavalaria do Exército Brasileiro em meados do século XX, os quais eram: regimentos centenários, a suposta nobreza e o espírito característico da Arma; o culto a padroeiro e patrono específicos; a realização de rituais como o da entrega da espada; a prática de equitação; o mutualismo entre o cavalarião e sua montaria; o uso de armamentos específicos; a adoção de canções que expressavam valores da cavalaria; e o pensamento de que os cavalariões detinham um saber único, indispensável para o cumprimento de determinadas missões em combate. Também foi verificado que a modernização exercia pressões no sentido de transformar ou de erradicar a tradição da Cavalaria brasileira ao ensejar a substituição dos meios hipomóveis pelos mecanizados, conforme ocorria em países como a Alemanha e os Estados Unidos. Em outras palavras, como a Arma de Cavalaria e suas tradições embasavam-se no uso do cavalo, a substituição deste por veículos mecanizados poderia significar o fim de ambas.

Todavia, o processo de modernização que se iniciava em 1937, tendo em vista a mecanização do Exército Brasileiro, seria bem recebido por todos os militares? Ficariam os adeptos da tradição inertes ou reagiram ante a pressão dos militares que desejavam a modernização da Cavalaria? Tudo isso não teria gerado um embate no campo das idéias que influiria nos destinos da Cavalaria? Tais questões serão analisadas no próximo capítulo.

Capítulo 2

A TRADIÇÃO CONFRONTA-SE COM A MODERNIZAÇÃO

No presente capítulo pretende-se analisar se houve embate entre os adeptos da modernização e os defensores da tradição acerca da mecanização da Cavalaria, no período de 1937 a 1950.

No âmbito internacional, os anos de 1937 a 1950 foram marcados por importantes conflitos como Guerra Civil Espanhola, a II Guerra Mundial e o início da “Guerra Fria”.¹⁶² Na esfera nacional, pela vigência do Estado Novo e pela redemocratização do país.¹⁶³ Esses eventos, com mais ou menos intensidade, influiriam na

¹⁶² A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foi um confronto entre “Nacionalistas” (militares e adeptos da Igreja Católica e da Direita Política, apoiados pela Itália e Alemanha) e “Republicanos” (socialistas, comunistas, anarquistas, voluntários internacionais e separatistas bascos e catalães; apoiados pela URSS); nela se testaram doutrinas e equipamentos que seriam largamente empregados na II Guerra Mundial, como a *Blitzkrieg* e os carros de combate; terminou com a vitória dos “Nacionalistas”. A II Guerra Mundial (1939-1945) foi um embate entre os “Aliados” (EUA, Grã-Bretanha, URSS e outros) e o “Eixo” (Alemanha, Itália, Japão e outros); o Brasil entrou na guerra ao lado dos “Aliados” em 1942, em virtude, entre outros motivos, do afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães; a vitória coube aos “Aliados”. A Guerra Fria (1945-1991) foi um conflito ideológico pela hegemonia mundial entre os blocos “Capitalista”, liderado pelos EUA, e “Comunista”, liderado pela URSS; o Brasil se alinhou ao bloco “Capitalista”; o confronto terminou em 1991 com o fim da URSS. Conforme: LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Manual de História Militar**. Resende: AMAN, 2011. passim.

¹⁶³ O Estado Novo foi um regime autoritário, instaurado por Getúlio Vargas, com respaldo de militares; perdurou de 1937 a 1945. Foi sucedido por um regime democrático, alicerçado pela Constituição de 1946, o qual durou até 1964. De acordo com GRANDE ENCICLOPÉDIA LARROUSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultura, 1995. p. 918-919.

Cavalaria, um convencimento próprio, como o da poderosa Artilharia, uma operosidade, como o da técnica Engenharia [...]”¹⁸⁰

Todavia, haveria consenso dos militares em torno da modernização do Exército? Parte deles, por questões relacionadas à tradição, não teria resistido ao processo de mecanização da Cavalaria? Não teriam estes procurado influir na política do Estado-Maior, órgão responsável por reestruturações no Exército, manifestando suas convicções?

Pensamentos de militares expressos na década de 1940 sugerem a existência de concepções antagônicas sobre o futuro da mecanização, que poderiam ter gerado discussões acerca do tema.

O capitão Vitor Hugo de Alencar Cabral argumentava a favor da mecanização:

Uma série de argumentos mais ou menos forte, é engendrada e apregoada contra os CARROS DE COMBATE. No entanto, todos eles são facilmente destruídos desde que se leve em consideração, outras tantas razões que evidenciam o valor e a facilidade de obtenção do material citado. Assim é que ouvimos a todo momento as palavras - COMBUSTIVEL - SIDERURGIA - COMUNICAÇÕES - PREÇO, tão sentenciosas, tão trágicas, tão terrificantes como aquelas escritas nos muros da Babilônia - MANE - THECEU - PHARES, ou como aquelas outras pronunciadas no senado romano - DELENDA Cartago.¹⁸¹

¹⁸⁰ CABRAL, Victor Hugo de Alencar. Emprego dos carros de combate. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 329, p.143, out. 1941.

¹⁸¹ CABRAL. Vitor H. de Alencar. Carro arma econômica. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 336, p. 49, maio 1942. (grifado autor)

Prosseguia:

Toda inovação revolta o comodismo, a displicência e a boa vida. E estes elementos geralmente contra atacam (e somente contra atacam os que vivem em constante defensiva), com armas temperadas de um pessimismo doentio, de uma inaptidão nata. Porém, enfrentadas por uma ofensiva decidida e corajosa, desde o primeiro embate, eles se entibiam e se conformam com a realidade dos fatos. À ofensiva, pois, companheiros moto-mecanizados.¹⁸²

Em contrapartida, o coronel J. B. Magalhães pensava que as forças hipomóveis eram imprescindíveis para o Brasil:

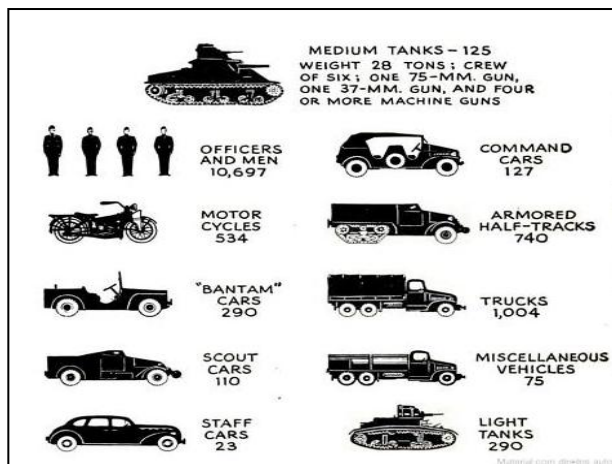
os Países ricos de industria poderosa fazem sua estratégia e sua tática, calcados no seu poder da máquina e tratam do resto subsidiariamente [...]. Os países de indústria pobre têm logicamente de inverter o problema.[...] E aí residem os ensinamentos que mais atenção nos devem merecer, pois, cavalo e forragem, armamentos e equipamentos de infantaria e de cavalaria, podemos criar, plantar e fabricar em abundância, enquanto em relação aos outros seremos sempre forçados a importar. **A base de nossa força – a larga base – é uma capacíssima infantaria bem combinada com uma capacíssima cavalaria a cavalo**, auxiliadas, sem dúvida, por alguns elementos moto-mecanizados, um mínimo de artilharia, etc.¹⁸³

¹⁸² Ibid.

¹⁸³ MAGALHÃES, J. B. A cavalaria moderna na frente oriental. **A Defesa Nacional**, Rio de Janeiro, n. 354, p. 21, nov. 1943. (grifo nosso)

com diferentes características, para usos diversos. Na revista *A Defesa Nacional*, nº 336, de maio de 1942, foi traduzido artigo do cronista David M. Stearns, publicado na revista norte-americana *Popular Science*, de agosto de 1941, no qual consta a quantidade de veículos que compunham uma divisão mecanizada norte-americana.

Composição de uma unidade mecanizada norte-americana em 1941.



Fonte: David M. Stearns. Motorization and mechanization *Popular Science*, New York, p. 74, ago. 1941.

Somando-se todos os tipos de veículos constantes na publicação, chega-se a um total de 3.318 unidades.

Na década de 1940, a frota nacional cadastrada era a constante na tabela 2, que demonstra o reduzido número de veículos, particularmente caminhões, que rodavam pelo país. Isso aponta para a baixa produtividade das indústrias automobilísticas instaladas no

combateu e manobrou a cavalo, tirando integral partido das condições climáticas e topográficas desfavoráveis aos modernos engenhos mecanizados.²⁶⁵

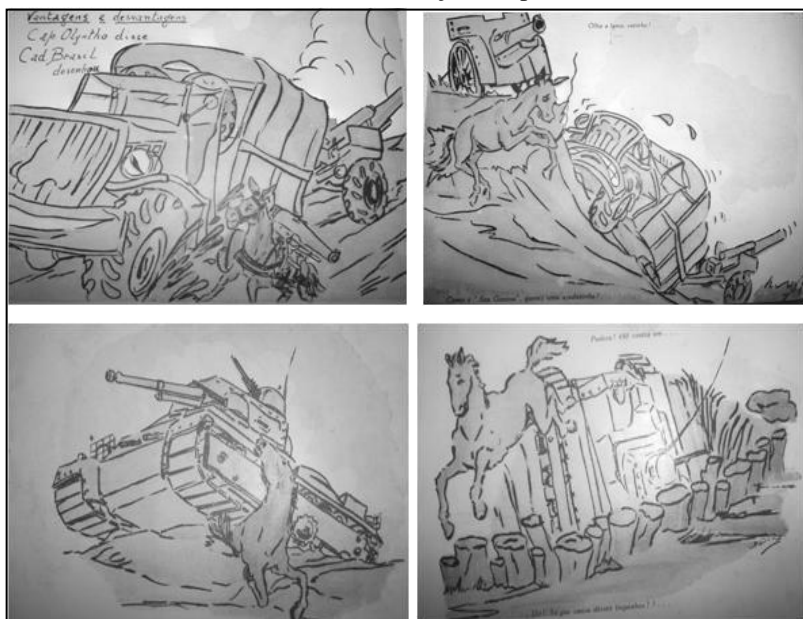
Tais controvérsias transpareceram na *Revista da Escola Militar*, conforme se verifica nos desenhos constantes na página seguinte, nos quais foram comparadas as possibilidades e deficiências das tropas mecanizadas e hipomóveis.

Infere-se, assim, que os adeptos da modernização ressaltavam aperfeiçoamentos nos veículos mecanizados e a possibilidade deles transporem os terrenos brasileiros. Salientavam também a extrema mobilidade demonstrada pelas forças mecanizadas na II Guerra Mundial. Os defensores da tradição, entretanto, viam os veículos mecanizados como poucos confiáveis e com sérias limitações sob condições climáticas e topográficas desfavoráveis. Por isso, defendiam a permanência da cavalaria hipomóvel, que diziam apta para atuar em qualquer terreno, como ocorrera no Leste Europeu, na II Guerra Mundial.

Outra problemática que dividia os adeptos da modernização e os defensores da tradição estava relacionada à **necessidade ou não de se empregar unidades mecanizadas na América do Sul**, que por ter características econômicas, sociais e geográficas peculiares estaria sujeita a embates diferentes dos que ocorriam na Europa.

²⁶⁵ CASTRO, p. 97, 1948. (grifo nosso)

Sátiras mecanização x hipo.



Fonte: Revista da Escola Militar, 1950, p.45.

Nessa questão entrava uma possível guerra com a Argentina, país visto desde o Período Imperial com desconfiança por parte das autoridades brasileiras. Em relação a isso, o Estado-Maior do Exército, em 1948, considerava:

²⁶⁶ Incrições nos desenhos, de cima para baixo, da esquerda para a direita: “olha a lama ratinho!...”; “como é ‘Seu Gasosa’, queres uma ajudazinha?”; “Pudera! 450 contra 1...”; “ué, só por causa dêsses toquinhos!?”

Capítulo 3

A TRADIÇÃO CONCILIA-SE COM A MODERNIZAÇÃO

No presente capítulo pretende-se verificar se o embate em torno da mecanização ou não da Cavalaria, identificado no período de 1937 a 1950, persistiu entre os anos de 1951 e 1973. Buscar-se-á, também, analisar como ele foi superado, já que no final desta fase houve a mecanização quase integral das forças hipomóveis.

No âmbito internacional, os anos de 1951 a 1973 foram marcados, principalmente, pela intensificação da “Guerra Fria”; e na esfera nacional, pelo fim do período democrático iniciado em 1946, substituído por um regime militar em 1964.²⁸³ Esses eventos, conforme se verificará, influiriam na organização do Exército.

Iniciando-se pela década de 1950, pode se dizer que nela houve um arrefecimento das discussões relativas à mecanização da Cavalaria. Nas revistas *A Defesa Nacional* e *Agulhas Negras* se percebe poucos artigos sobre o assunto, que também não mereceu muita atenção do Estado-Maior do Exército.²⁸⁴ Em meio à

²⁸³ GRANDE ENCICLOPÉDIA LARROUSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultura, 1995. p. 919.

²⁸⁴ As principais preocupações do Estado-Maior na década de 1950 foram adaptar, à realidade brasileira, a doutrina militar norte-americana adotada durante a II Guerra Mundial; e realizar estudos relativos à defesa interna, que abrangiam temas como guerra irregular e guerra revolucionária. Conforme BANHA (org.), 1984, p. 107 a 114.

que um regimento de reconhecimento mecanizado poderia percorrer, em dez horas, trezentos quilômetros, e um regimento hipomóvel, em vinte e quatro horas, somente quarenta.³¹⁶

No ambiente nacional, descreveu diversas operações em que tomou parte, nas quais as forças hipomóveis mostraram-se inadequadas.

Sobre a crise político-militar de 1961,³¹⁷ destacou:

Quando o presidente Jânio Quadros renunciou ao governo da República, em 25 de agosto de 1961, Dia do Soldado, deixando atônitos os milhões de brasileiros que o sufragaram nas urnas, os que nêle não votaram e o mundo inteiro, desencadeou-se uma crise em nosso País, que colocou as fôrças políticas e militares em dois campos opostos, como sabemos. Felizmente, a fórmula encontrada para a crise – o Parlamentarismo – evitou o derramamento de sangue de irmãos. Nós estávamos, por essa época, servindo em uma unidade de cavalaria no Rio Grande do Sul. **Recebemos ordem da DC [Divisão de Cavalaria] para ficarmos em condições de marchar, mediante a requisição de viaturas civis.** Foi estabelecido o controle sobre os estoques de combustíveis da cidade. Os postos só podiam vender gasolina mediante autorização do Exército. Como não recebemos instruções sôbre o destino a dar à cavalaria do Regimento, deduzimos que os animais deveriam ser recolhidos a algum campo (a unidade não possuía internada própria).³¹⁸

³¹⁶ Ibid., p. 94.

³¹⁷ Refere-se à renúncia do presidente Jânio Quadros, ocorrida em 25 de agosto de 1961, que gerou forte crise sucessória, pois havia militares e civis contra e a favor da posse do vice-presidente João Goulart. A crise foi resolvida com a implantação de um regime parlamentarista em 08 de setembro de 1961, que perdurou até 24 de janeiro de 1963.

³¹⁸ POZZOBOM, 1968, p. 94-95. (grifo nosso).

Prossegiu:

Na 1ª DC foi organizado um GT [Grupo Tarefa], constituído pelo 4º RC [Regimento de Cavalaria] e o 2º GA 75 Cav [Grupo de Artilharia a cavalo], o qual se deslocou até Marcelino Ramos, na divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, inclusive com elementos do QG [Quartel General], Comunicações e Saúde, em seis composições ferroviárias. **Os cavalos das unidades hipomóveis permaneceram em suas sedes.**³¹⁹

Em relação ao movimento que denominou Revolução de 31 de março de 1964,³²⁰ expôs:

Soubemos por informações e colegas e as notícias de jornais do Sul o confirmaram, **que várias unidades requisitaram viaturas civis** e deixaram suas sedes, executando ordens superiores, durante o movimento revolucionário. **Em Uruguaiana, as unidades da guarnição foram motorizadas, tendo o próprio QG [Quartel General] completado sua DO [Dotação orgânica] com viaturas civis.**³²¹

Sobre o combate a guerrilheiros comandados pelo coronel Jefferson Cardim, em 1965,³²² relatou:

³¹⁹ Ibid. (grifo nosso).

³²⁰ Movimento deflagrado em Minas Gerais, em 31 março de 1964, pelo general Olímpio Mourão Filho, que resultou na deposição do presidente João Goulart.

³²¹ POZZOBOM, 1968, p. 95. (grifo nosso).

³²² Em março de 1965, o coronel da reserva do Exército Jefferson Cardim liderou um grupo de 23 guerrilheiros que realizou ações contra o Regime imposto em 1964. As ações do grupo iniciaram-se no dia 26, no município de Três Passos, RS, onde eles se apossaram das armas de um destacamento da Brigada Militar e por meio de uma rádio conclamaram o povo a lutar contra o Governo. Sem o apoio esperado, o grupo deslocou-se para o Paraná, onde, dois dias depois, nas circunvizinhanças da cidade de Cascavel, seus integrantes foram dispersos ou aprisionados por tropas do Exército. Conforme GASPARI, Elio. **A Ditadura envergonhada**. São Paulo: Letras, 2002. p. 292-295.

Todos guardam na memória as escaramuças do coronel Jefferson Cardim de Alencar Osório e seu grupo de “guerrilheiros” no mês de março de 1965. **Os revoltosos percorreram, em viaturas automóveis**, grande extensão de território, desde Três Passos, no R G Sul, cruzando por São Miguel d’Oeste, Barracão, Capanema, Aparecida, até Leônidas Marques, no Paraná, localidades servidas por estradas bastante secundárias. **Graças à rapidez dos transportes aéreos e motorizados de tropas do Exército, o movimento, em questão de apenas dois dias, foi sufocado.** Pouco depois, o Ministro da Guerra anunciava o término das operações contra os guerrilheiros.³²³

Também faz menção a missões de repressão a contrabando que realizou:

Há poucos anos atrás, estávamos servindo em uma unidade de fronteira gaúcha, quando recebemos a missão de reprimir o contrabando que se fazia entre o Brasil e o Uruguai. Para cumprir a missão, foram estabelecidos três postos de vigilância, bem como o patrulhamento, na zona de ação que nos coube. Homens e materiais foram conduzidos em viaturas, a distâncias apreciáveis, até as regiões de passagem obrigatórias, bifurcações, etc. Os suprimentos e a substituição do pessoal foram feitos, de igual forma, por meio de viaturas motorizadas. **Cogitamos em mandar homens a cavalo. Entretanto isso prejudicaria a mobilidade, face aos contrabandistas “motorizados”** [...] e implicaria em cuidados com os animais, transporte de forragem e outras servidões. Apelamos, pois para as velhas e valentes “doges”³²⁴

O coronel Carlos Ramos de Alencar, ao tratar da reorganização do Exército, da evolução dos meios de combate e de novas doutrinas,

³²³ POZZOBOM, 1968, p. 95. (grifo nosso)

³²⁴ Ibid. (grifo nosso)

O espírito desta Arma [Cavalaria] ainda domina e orienta a organização e emprêgo da Arma Couraçada neste país, com prejuízo para a Cavalaria e as unidades motomecanizadas. De tudo decorre, a conclusão imediata é que o **emprêgo de unidades de carro depende de uma mentalidade específica, condicionando reflexos próprios, especialísimos**. Donde ser inconvenientes a prática de formar os quadros com oficiais de mentalidade já formada em outras armas, como soe acontecer quando se permitem a tenentes antigos, capitães e majores, fazerem o curso de motomecanização e serem selecionados para os comandos de unidades de carros. Urge recrutar os oficiais destinados às unidades de carros, na própria Escola Militar, a partir do 2º ano, apesar da inexistência da Arma Couraçada, do ponto de vista de quadros. O futuro oficial poderá continuar relacionado para certos efeitos, na Arma (Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia e não sómente Cavalaria e Infantaria) e ser, do 2º ano em diante, formado em motomecanização. **Já é tempo de desencubar da motomecanização no Brasil, o espírito de outras armas.**³⁴²

Não obstante as considerações do tenente-coronel Mourão Filho, prevaleceram noções inspiradas no pensamento do general Weygand. Baseando-se nelas, em 1966, o tenente Enio Golveia dos Santos, em carta destinada aos cadetes de cavalaria, concitava-os a responder às críticas de que sua Arma não tinha mais lugar nos campos de batalha:

Para destruir a opinião muito generalizada de detratores gratuitos, que por desconhecerem aquilo que deviam conhecer, afirmam que ela [a Cavalaria] é obsoleta, ultrapassada e verdadeira peça de museu. [...]³⁴³

³⁴² Ibid., p. 27, abr. 1948. (grifo nosso)

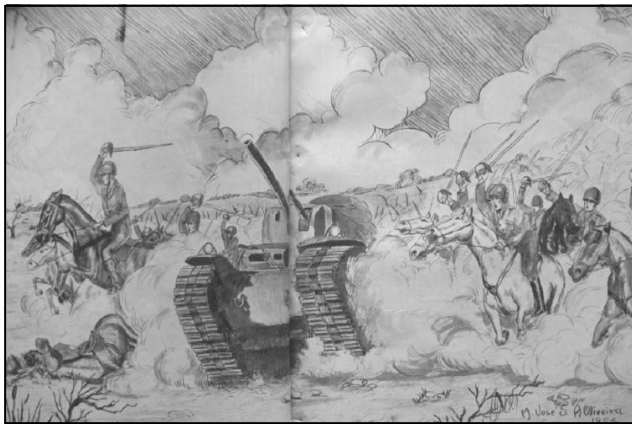
³⁴³ SANTOS, Enio Golveia dos. Carta a um cadete de Cavalaria. **Revista Agulhas Negras**, Resende, p. 52, 1966.

Continua:

Para êsses, para os que dizem que em plena Era Atômica, nós – os de Cavalaria - ainda andamos “montados sobre o dórso dêste amigo – o Cavalo” deverás lamentar que confundam Cavalaria com Cavalo [...]. Poderás fazê-los entender que **não é** o cavalo que simboliza a existência da Cavalaria, **mas sim as seculares e sempre necessária missões de RECONHECER, COBRIR e COMBATER.**[...] Será a **CAVALARIA**, que seja a cavalo, seja motorizada, seja blindada, seja transportada pelo ar cumprirá suas missões.³⁴⁴

Imagens também buscavam reforçar a ideia de continuidade da cavalaria, como a do desenho abaixo, no qual se retrata uma carga conjunta de forças hipomóveis e mecanizadas.

Imaginária carga de cavalaria realizada conjuntamente por forças hipomóveis e mecanizadas.

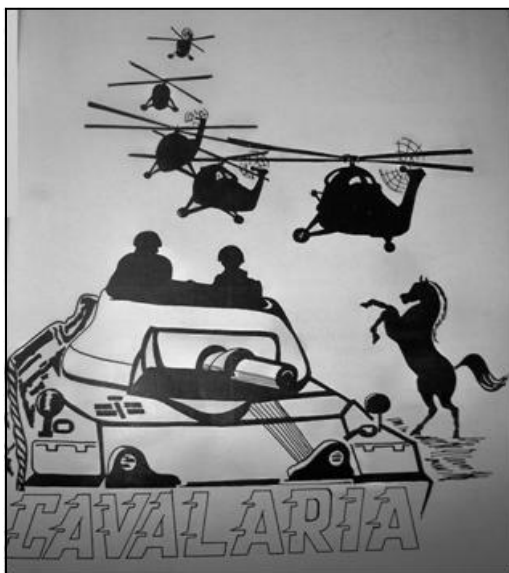


Fonte: Revista Agulhas Negras, 1955. Autor José S. A. Oliveira.

³⁴⁴ Ibid.. (grifo nosso)

Em relação à evolução dos meios, os cavalarianos foram mais longe. Ao analisarem as guerras da Coreia (1950-53) e do Vietnã (1955-75), nas quais os norte-americanos fizeram largo uso de helicópteros, passam a pregar que este seria mais um meio envolvido na evolução da Cavalaria.³⁴⁵ Assim, do cavalo se passaria para os blindados, e destes para o helicóptero.³⁴⁶

Apregoadada evolução dos meios da cavalaria.



Fonte: Revista Agulhas Negras, 1966, p. 49.

³⁴⁵ A cavalaria aérea, aspecto novo de uma guerra antiga. **Revista Agulhas Negras**, Resende, p. 45, 1965.

³⁴⁶ O Exército Brasileiro acabou constituindo unidades de helicópteros a partir de 1986, mas elas formam um segmento independente, não enquadrado em nenhuma arma, quadro e serviço. Dessa forma, a propagada evolução dos meios da Cavalaria, que deveria passar do blindado ao helicóptero, não se concretizou na Força Terrestre nacional.

Todavia, o termo “Cavalaria” parecia anacrônico para designar uma arma que tendia a se tornar totalmente mecanizada. Assim, como acontecera na Alemanha e nos Estados Unidos, nas décadas de 1930 e 1940, poderiam as forças mecanizadas serem enquadradas em uma nova arma, a “Blindada”, o que colocaria por terra todo o arranjo construído em torno do pensamento do general Weygand. A constituição de uma divisão blindada brasileira, iniciada durante a II Guerra Mundial e finalizada na década de 1950, indicava que isso poderia acontecer.

Eis, porém, que se encontra uma resposta para tal questão. Ainda na década de 1940, cavalarianos passam a difundir que a palavra “cavalaria” não derivaria do termo “cavalo” e sim do vocábulo sânscrito “akva”.

O primeiro propugnador desse pensamento no Exército Brasileiro, encontrado nas pesquisas do presente trabalho, foi o tenente-coronel Arthur Carnaúba, que publicou um artigo a respeito na *A Defesa Nacional*, em 1942.³⁴⁷ Dizia embasar-se no livro “Esta é a verdade sobre a Cavalaria!!”, do capitão Serpa Soares, do Exército Português, publicado em 1941.³⁴⁸

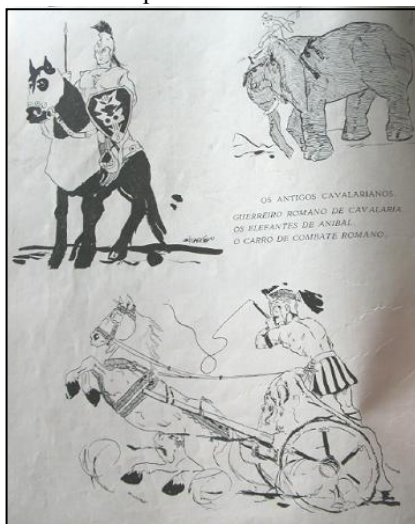
³⁴⁷ CARNAÚBA, Arthur. Está e a verdade sobre a cavalaria. *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, n. 339, p. 113-118, passim, ago. 1942.

³⁴⁸ SOARES, Carlos Alberto Serpa. **Está é a verdade sobre a Cavalaria!!** Porto: Imprensa Moderna. 1941. Esta obra foi adquirida pelo autor deste livro e doada à Biblioteca da Academia Militar das Agulhas Negras.

Em 1970, o Curso de Cavalaria da AMAN divulgava uma nova versão, na qual a idéia de plataforma não constava:

Já que estamos falando de Cavalaria, cabe aqui uma ilustração. O nome provém de um radical muito antigo, sânscrito talvez: o AKVA. Os guerreiros do Akva deveriam se locomover mais rápido do que o restante das fôrças, para procurar uma tomada de fôrças com o inimigo antes do combate propriamente dito, visando obter informes sobre as formações de batalha. Em caso de insucesso no combate, deveriam cobrir o restante da tropa para evitar um maior número de baixas. Para que esse tipo de tropa tivesse mais mobilidade que as demais, os romanos dotaram-nas de Equo. Disso tudo devemos concluir que “cavalaria” não vem de cavalo, como pensa o leigo; é justamente o contrário: “cavalo” é que vem de Cavalaria, de AKVA, da reunião de várias tropas AKVA, vem a AKVALARIA.³⁵³

Os primeiros “akvas”.



Fonte: Revista Agulhas Negras, 1955, p. 152.

³⁵³ O Curso de Cavalaria. **Revista Agulhas Negras**, Resende, 1970.

CONCLUSÃO

No presente estudo inicialmente buscou-se identificar os elementos que compunham a tradição da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, em meados do século XX. Constatou-se que estes eram regimentos centenários, a suposta nobreza e o espírito característico da Arma; o culto a padroeiro e patrono específicos; a realização de rituais como o da entrega da espada; a prática de equitação; o mutualismo entre o cavalarião e sua montaria; o uso de armamentos específicos; a adoção de canções que expressavam valores da cavalaria; e o pensamento de que os cavalariões deteriam um saber único, indispensável para o cumprimento de determinadas missões. Percebeu-se, também, que todos os elementos da tradição estavam, de uma maneira ou outra, relacionados ao uso do cavalo como instrumento de guerra.

Em seguida, foi verificado se a modernização poderia ter pressionado a tradição da Cavalaria no sentido de transformá-la ou erradicá-la. Observou-se que desde a I Guerra Mundial, os cavalos passaram a ser paulatinamente substituídos por veículos mecanizados nos exércitos mais avançados tecnologicamente. Tal mudança se fez sentir com mais intensidade no Exército Brasileiro a partir da década de 1930, principalmente por influência da Missão Militar Francesa, e ganhou ampla notoriedade com a eclosão da II Guerra Mundial, travada por exércitos amplamente mecanizados.